

LA COMÉDIATHÈQUE



BEM-VINDOS A BORDO!

JEAN-PIERRE MARTINEZ



COMEDIATHEQUE.NET

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente.
Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização:
<https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/>

Bem-vindos a bordo!

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Se a velhice é um naufrágio, a vida pode muito bem comparar-se a um cruzeiro a bordo do Titanic. Uns estendem-se nas espreguiçadeiras do convés, enquanto outros remam no porão. Mas todos acabaremos a servir de alimento aos peixes. Por isso, enquanto esperamos o inevitável encontro com um icebergue, quem puder que aproveite para brindar ao som da orquestra, fazendo tilintar os cubos de gelo no copo.

Uma comédia com fortes doses de humor negro. A primeira sitcom metafísica passada numa residência para idosos com assistência médica.

Os jovens

Natália: diretora

Roberto: médico

Cristina: filha de Branca

Alex: companheiro ou companheira de Cristina

Carolina: auxiliar de ação médica

Os velhos

Branca: nova residente

Gonçalo: residente

Dani: residente (homem ou mulher)

Maria: residente

Pilar: residente

A distribuição é muito flexível e permite representar a peça com oito a dez intérpretes.

© La Comédiathèque

Manhã

Uma sala de convívio, mobilada sobretudo com quatro cadeirões e uma mesa baixa. O conjunto lembra uma sala de espera algo antiquada. Duas pessoas entre os quarenta e os cinquenta anos, Alex e Cristina, aguardam sentadas. Alex pode ser um homem ou uma mulher de aspeto ou estilo algo masculino; em ambos os casos, formam um casal. Alex consulta o correio eletrónico no telemóvel. Cristina folheia nervosamente uma revista que tirou ao acaso da mesa.

Cristina – Espero que a aceitem, porque, caso contrário, não sei mesmo o que vamos fazer com ela...

Alex – Parece que estás a falar de um cão que queres despachar para um canil antes de ires de férias...

Cristina – Aposto que é mais fácil arranjar um canil nos arredores de Lisboa. E de certeza que sai mais barato do que uma residência privada para idosos... Enfim, esta é a nossa última oportunidade. Não podemos meter os pés pelas mãos.

Alex – Deve haver outras residências...

Cristina – Já a expulsaram de todas as que existem num raio de cinquenta quilómetros! Não vamos interná-la lá para o Alentejo profundo! Imagina as viagens sempre que a fôssemos visitar...

Alex (*sem deixar de mexer no telemóvel*) – Hum...

Cristina – Podes largar o telemóvel um bocadinho? Parece que estou a falar com a minha mãe!

Alex – A tua mãe tem telemóvel?

Cristina – A minha mãe nem precisa de telemóvel para fazer cara de zombie quando lhe falamos...

Alex guarda o telemóvel a contragosto, observa o espaço e finge interessar-se.

Alex – Até nem parece mau, pois não?

Cristina – De qualquer maneira, já não temos grande escolha.

Alex – O que te disse a diretora? Que tinha uma vaga?

Cristina – Que estávamos em lista de espera... Mas que, infelizmente, tinha esperança de que em breve ficasse uma vaga disponível.

Alex – Infelizmente...?

Cristina – E tu, vê lá o que dizes, está bem? Isto é uma instituição católica... Não são propriamente fanáticos, mas é melhor não arriscar.

Alex – Percebi. Nada de referir que a tua mãe é judia.

Cristina – Se é que ela própria ainda se lembra... Nunca ninguém na família foi muito praticante.

Alex – Mesmo assim... há de se lembrar. Não é uma coisa que se esqueça com facilidade.

Cristina (*seca*) – Pois, mas esquece-se!

Entra Natália, a diretora, uma mulher de trinta e poucos anos, de aspeto católico conservador e algo empertigado.

Cristina – Ah, bom dia, senhora diretora!

Natália – Peço desculpa por vos ter feito esperar.

Cristina – Ora essa! Apresento-lhe Alex, a minha... cara-metade.

Alex aperta a mão de Natália com uma cordialidade um pouco forçada.

Natália – Natália São Bento.

Alex – Como a estação de comboios?

Natália – Antes de dar nome a uma estação, São Bento já era um santo, sabe?

Alex – São Bento, pois claro.

Cristina lança-lhe um olhar consternado e apressa-se a ir ao assunto.

Cristina – Nesse caso, talvez tenha ouvido as nossas preces... Espero que nos traga boas notícias, senhora diretora.

Natália – Sim, sim, podem ficar descansados... Embora, quando digo boas notícias... Como se costuma dizer, o mal de uns...

Cristina – Não imagina o alívio que isto representa para nós... Obrigada por lhe dar outra oportunidade.

Natália – É verdade que ela é bastante... enérgica. Mas, naquela idade, é sempre melhor isso do que o contrário, não é?

Alex – No tempo dos meus pais não eram assim... Eram muito mais... dóceis. Enfim, deve ser esta nova geração.

Natália – As últimas sequelas do 25 de Abril, provavelmente.

Cristina – Mas não hesite em ser firme com ela logo de início, está bem? É preciso impor-lhe limites. Se não, ninguém a segura, acredite.

Natália – Não se preocupe, estamos habituados. Afinal, é a nossa profissão. Vai ficar muito bem connosco.

Alex – Oh, mas não era por ela que estávamos preocupados, garanto-lhe...

Natália – Bem, então já a podem fazer entrar.

Cristina – Vais buscá-la, Alex?

Alex – Claro.

Cristina – Portanto, podem recebê-la já esta noite, não é?

Natália – Se trazer as suas coisas... O resto podem trazer depois.

Cristina – Claro que lhe fizemos a mala, para o caso de se poderem livrar dela imediatamente... Quero dizer, de a poderem receber imediatamente.

Alex regressa com uma mala numa mão e, na outra, a mão de Branca, uma senhora idosa.

Natália – Branca, dou-lhe as boas-vindas à residência para idosos Os Pinheiros.

Branca – Bem me parecia que isto cheirava a pinho... Pinho de caixão.

Natália (*com amável severidade*) – Mas vai ter de se portar muito bem se quiser ficar connosco, Branca, não é verdade? Pelo que consegui ler nas entrelinhas do seu processo, tem um temperamento um tanto... incendiário.

Cristina – Ouviste o que a senhora disse, mãe?

Alex – Nada de pegar fogo aos Pinheiros, como fez nas Acácias. (*Para Natália*) Era o nome da residência de onde acabou de ser expulsa por razões disciplinares...

Natália parece surpreendida. Cristina fulmina Alex com o olhar.

Cristina – Nunca se provou oficialmente que ela tivesse provocado aquele princípio de incêndio. Enfim... Basta não a deixar brincar com fósforos.

Natália – De qualquer forma, agradeço o aviso.

Cristina – De resto, vai ver que também pode ser encantadora. Muito sociável. E até bastante divertida, por vezes.

Alex – O sentido de humor é muito importante.

Cristina – Vai ver, não vai deixar de a surpreender.

Natália – De qualquer maneira, tiveram sorte. Há um mês não tínhamos uma única vaga... E, de repente, libertaram-se três quase seguidas.

Cristina – Ah, sim? Que curioso...

Natália – As desgraças nunca vêm sós... Mas que havemos de fazer? O Senhor chamou-os a si.

Alex – Esperemos que lá em cima ainda haja vagas...

Cristina lança-lhe um olhar assassino.

Natália – São Pedro também tem listas de espera para os casos duvidosos, sabem? É o que chamamos purgatório.

Branca – Eu julgava que se chamava Os Pinheiros.

Cristina – Vá lá, mãe, isto é uma residência para idosos com assistência médica.

Natália – Diga-me uma coisa, Branca... A sua filha contou-me que era atriz, não é? Quero dizer... antigamente.

Cristina – Atriz, vai ver... Infelizmente, ainda lhe restam alguns tiques da profissão.

Alex – Digamos que agora, mesmo na vida real, já se esquece de algumas deixas. Não é verdade, Branca?

Branca – Quer dizer que, quando morrer, não me vão deixar ser enterrada com os outros?

Cristina – Mas de onde é que tiraste isso agora, mãe?

Branca – Vocês, os católicos, não recusavam enterrar atores nos vossos cemitérios?

Natália – A Igreja evoluiu muito nesse aspeto, Branca. Como em tantos outros... Hoje consideramos que até um mau ator pode ser um bom católico.

Branca – Até os judeus?

Alex – Ora, Branca, por enquanto ninguém está a falar de enterros.

Cristina – Além disso, só és judia pelo lado do teu pai. Isso não conta.

Branca – Durante a guerra, a Gestapo não era da mesma opinião.

Cristina – Não lhe ligue. Passou a guerra inteira numa quinta de Vichy, em casa da avó materna. Os únicos nazis que viu foram os dos filmes na televisão. Mas tem sempre de exagerar... Atrizes!

Branca (*para Natália*) – A senhora não pertence à Gestapo, pois não?

Cristina – Por favor, mãe! Vês perfeitamente que a senhora não é da Gestapo. E tenho a certeza de que, numa emergência, não te negaria a extrema-unção.

Alex – Mas se a Branca está fresca como uma alface!

Cristina – Ainda nos vai enterrar a todos, acredite.

Silêncio embaraçoso.

Alex – Bom, pois...

Cristina – Enfim... Bem...

Alex – Talvez seja melhor irmos embora, não achas, Cristina? Antes que a senhora diretora mude de ideias...

Cristina – Agora que sabemos que a minha mãe fica em boas mãos.

Natália – Não se preocupem. Vai correr tudo bem.

Cristina – Vá, adeus, mãe. Voltamos a visitar-te em breve, está bem?

Apesar de tudo, Cristina emociona-se e beija a mãe. Alex faz o mesmo.

Alex – Adeus, Branca. E porte-se bem...

Cristina – Muito obrigada por tudo. Até breve!

Cristina e Alex escapam-se discretamente. Branca vê-os afastarem-se, impassível. Depois volta-se para Natália.

Branca – Quem era aquela? Porque é que me chama mãe?

Natália olha para ela, constrangida.

Natália – Mas, Branca, era a Cristina, a sua filha.

Branca – Claro! Estava só a brincar consigo...

Natália (*aliviada*) – Venha comigo. Vou mostrar-lhe o quarto.

Natália pega na mala e ambas começam a afastar-se.

Branca – A outra pessoa, com aquela cara de quem não parte um prato, não me diz absolutamente nada... Quem é? O meu genro... ou a minha nora?

Natália observa-a, sem saber se está novamente a brincar. Saem.

Entra Maria, uma senhora muito idosa que se move a passo de caracol, talvez com um andarilho. Senta-se num cadeirão e começa a ler uma revista, A Sua Idade. Entra também Dani, que pode ser homem ou mulher e se encontra em estado igualmente lastimoso.

Maria – Bom dia, Dani. Então, como está hoje?

Dani – Ai, minha pobre Maria... Já sabe o que se diz: depois dos oitenta, se acordarmos uma manhã e não nos doer nada, é porque já morremos.

Maria – É bem verdade... A propósito, já soube o que aconteceu à Adélia?

Dani – À Adélia? Não. Aconteceu-lhe alguma coisa?

Maria – E não foi pouca coisa... Foi até a última coisa que lhe aconteceu. Morreu!

Dani – Não diga! Morreu, a Adélia?

Maria – Durante o sono. Encontraram-na esta manhã na cama, hirta que nem um pau.

Dani – Valha-me Deus! E eu ainda a vi ontem à noite. Até lhe desejei boa noite!

Maria – Pois não lhe fez bem nenhum, Dani. Se nos cruzarmos esta noite, faça o favor de não me desejar boa noite.

Dani – Mas a senhora ainda é nova, Maria. Quantos anos tem agora?

Maria – Estou a caminho dos noventa e seis. Sem pressas, mas lá vou andando.

Dani – Ora veja, julgava que era mais nova do que eu.

Maria – Pois... Tinha de acontecer um dia.

Dani – O quê?

Maria – O que aconteceu à Adélia! Afinal, já tinha cento e três anos.

Dani – Ainda há pouco lhe festejámos os anos.

Maria – Nem se via o bolo debaixo de tantas velas.

Dani – O que se pode esperar da vida aos cento e três anos?

Maria – Além de entrar para o Livro Guinness dos Recordes...

Dani – Mesmo assim, é um choque.

Maria – Que quer que lhe diga? Ninguém vive eternamente.

Dani – Ainda não, infelizmente.

Maria – Ainda não?

Dani – Não leu aquele artigo na revista *A Sua Idade*?

Maria – Que artigo?

Dani – Sobre uma espécie de medusa que nunca morre.

Maria – Medusas?

Dani – A *Turritopsis nutricula*.

Maria – Uma torrada com Nutella?

Dani tira-lhe a revista, procura o artigo e encontra-o.

Dani – Ouça isto. (*Lendo.*) «Segundo os cientistas, é o único ser vivo conhecido até hoje que poderá ser imortal. Esta medusa seria capaz de transformar as suas células envelhecidas em células novas, conservando assim uma juventude eterna. Desconhecidas até há pouco tempo, estas medusas vivem em águas profundas. Como nunca morrem, multiplicam-se por todos os oceanos e provocam um pânico sobrenatural na comunidade científica. Um especialista chegou mesmo a declarar: “O mundo tem de se preparar para enfrentar esta invasão silenciosa.”»

Maria – Uma invasão? E como se chama o sujeito que viu esses invasores? David Vincent?

Dani – Já imaginou? Talvez um dia, se nos enxertarem um ou dois genes desses bichos, também nós nos tornemos imortais!

Maria – Ou talvez nos metam em tanques de piscicultura para fazer sushi eternamente fresco... Dizem que os japoneses adoram sushi de medusa.

Dani – Se calhar é por isso que vivem tantos anos.

Maria – Desça à terra, Dani! Há anos que nos dizem que a Segurança Social está na falência por causa de tantos centenários! Para eles, os invasores somos nós! Os velhos! E acha que nos vão enxertar células de medusa para vivermos eternamente?

Dani – Sonhar não custa nada. Na nossa idade, é das poucas coisas que ainda nos restam, não é?

Maria – Sonhar que me transformo num ectoplasma... E como é uma medusa?

Dani – O que disse?

Maria (*mais alto*) – Perguntei como é uma medusa!

Dani – É mole, flácida... Vê muito mal, não ouve nada e irrita bastante.

Maria – Então ainda há esperança para si, Dani... Se calhar já lhe enxertaram uma boa porção sem lhe dizerem.

Dani – Ai, Maria... Sempre pronta para uma piada.

Maria volta à leitura, enquanto Dani se acomoda num cadeirão. Entra Pilar, outra senhora tão decrepita como os dois anteriores.

Maria – Olhe, vem aí a Pilar.

Dani – Bom dia, dona Pilar! Dormiu bem?

Maria – Fica-lhe muito bem esse penteado novo, Pilar.

Pilar – Como?

Maria (*mais alto*) – Disse que o penteado lhe fica muito bem! (*Para Dani*) Não a posso ver à frente.

Dani – Pelo visto, ela também não a consegue ouvir.

Pilar retira um auricular que tinha no ouvido.

Maria – Se ainda por cima tira o aparelho auditivo, estamos conversados...

Pilar – Isto não é um aparelho auditivo! É o iPod que o meu neto me ofereceu pelos anos.

Dani – Ah, está bem...

Maria – E o que é um iPod?

Dani – Não faço ideia.

Pilar – Já sabem da novidade?

Maria – Que novidade?

Dani – O que se passou?

Maria – Passou-se alguma coisa?

Dani – Aqui nunca se passa nada.

Pilar – A nova! A que acabou de chegar!

Maria – Ah, a que vem substituir a Adélia.

Pilar – A Adélia foi-se embora?

Maria – Sim, e desta vez para sempre.

Dani – E com muita pressa.

Maria – Nem teve tempo de passar pela receção para avisar que ia embora.

Dani – É verdade que ultimamente já tinha umas ausências.

Maria – Pois esta foi a ausência definitiva.

Dani – Morreu.

Pilar – Morreu, a Adélia?

Dani – Esta noite, ao que parece... E pensar que a vi ainda ontem à noite. Até lhe desejei...

Maria – Olhe, aí vem ela, precisamente.

Pilar – A Adélia?

Dani – A recém-chegada!

Pilar – E como sabem que é a nova?

Maria – Porque nunca a tínhamos visto, mulher!

Entra Branca. Os outros três recebem-na com uma simpatia um tanto afetada.

Dani – Bom dia, minha senhora. Seja bem-vinda.

Branca (*mal-humorada*) – Hum...

Dani – Sente-se um bocadinho connosco.

Dani levanta-se para aproximar outro cadeirão, mas Branca senta-se no seu lugar. Maria e Pilar entreolham-se, preocupadas. Dani volta-se e descobre que Branca lhe ocupou o assento.

Dani – Sabe, é que esse é o meu lugar...

Branca – Não vi o seu nome escrito no encosto.

Dani fica sem saber o que fazer. Branca não arredará pé.

Maria – É o cadeirão de eleição de Dani.

Branca – Mudar de cadeirão numa residência para idosos é como mudar de espreguiçadeira no Titanic, não é?

Pilar – Eu estive lá...

Branca – Onde?

Pilar – No Titanic!

Dani – Se lhe dá conversa sobre isso, nunca mais saímos daqui.

Maria – Não se lembra do que comeu hoje ao pequeno-almoço, mas consegue contar-lhe o naufrágio do Titanic ao mais ínfimo pormenor.

Dani – Incluindo a ementa do jantar do capitão e o repertório da orquestra.

Branca – No Titanic? E que idade tinha?

Pilar – Três meses. Quando a memória nos começa a falhar, sabe, são as recordações mais antigas que vêm ao de cima.

Maria – Daqui a um ano ou dois, até vai conseguir contar-nos como foi o parto da mãe.

Branca – E, no leito de morte, ainda nos há de descrever o acasalamento dos pais...

Dani – Já ouviram falar das medusas imortais?

Branca – A *Turritopsis nutricula*...

Dani (*para Pilar*) – Vem aqui, na revista *A Sua Idade*. E veja: se responder a três perguntas sobre medusas, pode ganhar um cruzeiro. Há sorteio, claro...

Pilar – Um cruzeiro? De barco?

Branca – Claro que é de barco! É um cruzeiro, não é uma excursão de autocarro!

Maria examina a revista.

Maria – Nadar com medusas... É original, para um cruzeiro temático. Sabe nadar?

Pilar – Eu até gostava de voltar a fazer um cruzeiro. Gostei muito.

Branca – Já fez algum cruzeiro?

Pilar – Claro! No Titanic!

Entra Gonçalo, um senhor idoso muito elegante.

Gonçalo – Bom dia a todos! Minhas senhoras, as minhas homenagens matinais...

À exceção de Branca, os outros três animam-se com a chegada deste velho galã, mais bem conservado do que os restantes e que evidentemente não os deixa indiferentes.

Pilar – Bom dia, capitão!

Gonçalo – Ah, vejo que temos uma nova companheira... Permita-me apresentar-me: Gonçalo de Belém.

Branca – Branca... de Cascais.

Maria – E eu sou Maria... de toda a vida.

Gonçalo – «De Belém» é o meu apelido.

Dani (servil) – O Gonçalo é um pouco barão.

Branca – Parece-me é um grande aldrabão.

Gonçalo – Estou a dizer-lhe que o meu apelido é De Belém.

Branca – Já percebi! Não me chateie mais os pastéis, ó De Belém!

Os outros parecem bastante chocados.

Maria – Vamos lá, Branca, o Gonçalo foi capitão do Exército.

Pilar – Comandava um barco.

Gonçalo – Fui capitão de infantaria.

Branca – Ah, militar... Agora percebo porque está menos arruinado do que os outros: nunca trabalhou na vida.

Gonçalo – Passei à reserva aos quarenta e oito anos. É uma das vantagens da carreira militar.

Branca – Então, aqui deve sentir-se como num quartel, não é?

Entra Carolina, uma auxiliar de ação médica de cerca de trinta anos, de bata branca e aspeto de autêntica bomba sexual.

Gonçalo – Ah, Carolina! Que prazer vê-la! Embora deva confessar que não faz nada bem à minha tensão arterial...

Carolina – Vá lá, capitão, não quero partir-lhe o coração.

Gonçalo – Infelizmente, chega uma idade em que certas expressões recuperam o sentido literal.

Carolina – Vejo que já fez amizades, Branca. Muito bem... A Branca vai ocupar o quarto de... de uma residente que infelizmente nos deixou há pouco.

Branca – Sorte a dela... Conseguiu fugir?

Carolina – Pode dizer-se que sim. Tem tudo de que precisa no quarto? Se lhe faltar alguma coisa, não hesite em pedir-me.

Branca – Bem... Comecei a escavar um túnel, mas deparei com uma laje de betão. Não me arranjava um martelo pneumático?

Carolina – Ai, Branca! Estou a ver que não nos vamos aborrecer consigo... Bem, está na hora de começarem a preparar-se para o almoço.

Branca – Para almoçar? Às dez e meia? Mas se ainda agora acabei de beber o meu café!

Carolina – A tarde é de quem almoça cedo! É o lema da casa.

Branca – Que lema tão parvo...

Pilar – Almoçamos ao meio-dia.

Maria – Na nossa idade, precisamos de pelo menos uma hora para nos mentalizarmos para comer... e de uma boa sesta de duas ou três horas para fazermos a digestão antes do jantar.

Dani – Nem damos pelos dias a passar.

Gonçalo – Vai almoçar à minha mesa, Branca, não vai? Assim podemos conhecer-nos melhor.

Maria – À nossa mesa?

Dani – À mesa do capitão?

Gonçalo – Bem, agora que a Adélia nos deixou, há um lugar livre, não há?

Pilar – Sabe, é que... eu estava a pensar ocupá-lo.

Dani – Era isso que tínhamos combinado.

Maria – Há uma lista de espera.

Gonçalo – Nesse caso, alguém cederá o seu lugar à Branca, não é? Temos o dever de fazê-la sentir-se bem-vinda.

Os outros fulminam Branca com o olhar. Gonçalo oferece-lhe o braço e Branca aceita-o, nem que seja só para os irritar.

Gonçalo – Dá-me o prazer?

Gonçalo sai da sala com Branca pelo braço.

Maria – Primeiro rouba o cadeirão a Dani. Agora rouba-nos o lugar à mesa do capitão.

Pilar – Dizem que antigamente era atriz.

Maria – Já sabemos o que isso quer dizer...

Dani – O quê?

Maria – Atriz, diz ela... Está bem, está!

Pilar – Esta não vai durar muito cá.

Os residentes preparam-se para sair quando Dani, ao ajeitar o cadeirão, encontra qualquer coisa no chão.

Dani – E isto, o que é?

Pilar – Deixe ver...

Maria – Nunca vi tal coisa.

Dani – Um termómetro descartável?

Maria – Não se parece com nada que alguma vez me tenham enfiado no cu.

Pilar – Um termómetro? Não indica a temperatura.

Dani – Não será um brinquedo sexual?

Maria – E se for um teste de gravidez?

Dani – Ah, pois... Tem dois risquinhos.

Pilar – Dois risquinhos? Quer dizer que alguém está grávida?

Maria – Sabe-se lá.

Dani – Nunca vi uma coisa destas.

Pilar – No nosso tempo, não precisávamos destas engenhocas para sabermos que estávamos grávidas.

Dani – Precisávamos era do livro de instruções.

Maria – Ou de perguntar a alguém.

Dani – Quem poderá estar grávida aqui?

Pilar – Numa residência para idosos, podemos logo excluir muita gente.

Maria – Restam as auxiliares e a diretora.

Dani – E o pai, quem será?

Entra Roberto, o médico, um belo italiano de cerca de trinta anos, de ar sedutor.

Roberto – Bom dia a todos! Então, como estamos esta manhã?

Dani – Cá vamos andando, doutor.

Roberto – E as minhas senhoras? Mas que bom aspeto! Parecem umas juvenzinhas! Qual é o segredo da vossa eterna juventude?

Pilar – Enxertaram-nos células de medusa.

Maria – Não se aproxime muito, que podemos picá-lo. Somos muito urticantes!

Roberto – E como vai essa anca nova, Maria?

Maria – Não podia estar melhor.

Roberto – Então, vamos avançar com a outra? Na minha clínica privada temos agora as próteses da anca em promoção: a segunda fica por metade do preço. Mas decidam-se depressa, senhoras.

Pilar – Na nossa idade, já sabe...

Maria – É como um carro velho.

Dani – É preciso pensar duas vezes antes de fazer mais reparações.

Maria – Mudam-se os travões e, na semana seguinte, avaria o motor.

Roberto – Mas ainda estão muito bem conservadas! Têm carroçarias de luxo!

Os residentes começam lentamente a preparar-se para sair.

Pilar – Infelizmente, somos mais carros de coleção que ninguém se atreve a tirar da garagem.

Maria – Não vá avariarem logo ao virar da esquina.

Dani – Que se há de fazer? Já demos o que tínhamos a dar.

Maria – Pelo menos ainda tivemos tempo de passar pelo mercado de segunda mão antes de virmos parar a esta sucata.

Dani – A vossa geração, com quarenta e cinco anos de descontos obrigatórios, vai passar diretamente da escola para o trabalho e do trabalho para a residência.

Pilar – Ou diretamente do trabalho para o cemitério. Ainda fica mais barato.

Maria – E com tantos anos de curso de Medicina, não deve ter começado a descontar muito cedo.

Dani – Pelo menos o senhor não terá de andar muito para passar para o outro lado da barreira.

Pilar – E a isto chamam «dependência»! Como se trabalhar dez horas por dia para um patrão, durante meio século, fosse liberdade.

Os residentes saem, deixando Roberto um pouco desconcertado.

Roberto – Ei, não os estou a mandar embora!

Dani – Está quase na hora de almoço.

Maria – Vamos arranjar-nos um bocadinho, para ficarmos mais ou menos apresentáveis.

Pilar – E não tirarmos o apetite aos outros.

Dani – Já basta a comida pouco apetitosa que nos põem no prato.

Roberto – Bem... Então bom apetite!

Os residentes saem. Entra a diretora.

Natália (preocupada) – Ah, Roberto, ainda bem que o encontro. Queria falar consigo.

Roberto aproxima-se e tenta abraçá-la.

Roberto – Está lindíssima esta manhã, Natália!

Natália (*afastando-se*) – Vá lá, Roberto, tenha juízo. Podem ver-nos.

Roberto – E depois? Vamos casar-nos.

Natália – Ainda não é oficial.

Roberto – Amamo-nos, isso é que interessa. E já lhe disse: com a sua residência e a minha clínica privada vamos ganhar uma fortuna, Natália!

Natália – Com certeza... Embora a nossa primeira missão seja garantir a felicidade dos nossos queridos idosos.

Roberto – Naturalmente, minha querida. Mas o que tinha de tão importante para me dizer?

Natália – Bem... É um assunto delicado. Ainda não tenho a certeza.

Roberto – Está livre para jantar?

Começam a sair juntos.

Natália – Falamos mais tarde, está bem?

Saem.

Escuro.

Tarde

Na sala, Dani recuperou o seu cadeirão e observa Pilar, que faz malha com ar carrancudo.

Dani – Vá lá, Pilar, não faça essa cara. Tenho a certeza de que em breve volta a ficar um lugar vago à mesa do capitão.

Pilar – É bom que sim.

Dani – O que está a tricotar? Um cachecol?

Pilar – É surpresa.

Dani – Para quem?

Pilar – Talvez para si...

Entram Branca e Gonçalo.

Dani – Então, Branca, gostou do restaurante?

Branca – Do restaurante? Não sei. Eu comi foi no refeitório.

Gonçalo – Aqui chamamos-lhe «restaurante».

Branca – Nota-se que já não vai a um restaurante há muito tempo. *(Para Pilar)* E esta está a tricotar o quê? Uma rede? Vai à pesca?

Dani – Acho que é um cachecol.

Branca – Espero que não seja para mim.

Pilar – Nunca se sabe...

Dani – É uma surpresa.

Gonçalo – A mim parece-me mais uma corda, não?

Dani – Uma corda de lã?

Gonçalo – Ao menos quem se enforcar com ela não corre o risco de se constipar.

Entra Carolina com o último número da revista A Sua Idade.

Carolina – Aqui têm leitura... O novo número da vossa revista.

Branca apodera-se da revista, para desgosto de Dani, que já ia pegar nela.

Branca – Finalmente vou saber se ganhei!

Carolina começa a fazer algumas limpezas.

Carolina – Que bonito o que está a fazer! O que é?

Gonçalo – Não sabemos.

Carolina – Seja o que for, parece muito quentinho.

Pilar – O importante é que seja resistente.

Carolina – Ah, pois... Isso também.

Entra Maria.

Maria – Depois podia começar a tricotar um casaquinho para o bebé.

Carolina – Que bebé? Quem vai ter um bebé?

Maria – Era o que nós gostávamos de saber.

Branca folheia a revista. De repente, ilumina-se-lhe o rosto.

Branca – Sou eu!

Maria – É o quê?

Branca – O concurso da revista *A Sua Idade*! Saiu o meu número! Ganhei o cruzeiro!

Dani – O primeiro prémio? O cruzeiro no Pacífico, no Costa Muito?

Branca – O segundo! O cruzeiro à Antártida, no Costa Pouco!

Gonçalo – Fantástico! Que sorte a sua!

Pilar – Sorte ao jogo...

Branca – É para duas pessoas. Posso levar quem muito bem me apetecer. Perderam a fala?

Maria – E o que se faz num navio de cruzeiro na Antártida?

Dani – Piscina é que não deve haver...

Pilar – Talvez haja uma pista de patinagem.

Carolina – Mas para que quer ir de férias? Aqui está sempre de férias, não é?

Branca – Para mudar de ares! Isto aqui cheira a mofo!

Maria – E quem vai convidar, Branca?

Branca – Logo se vê...

Gonçalo – Se precisar de um cavalheiro para a acompanhar...

Branca – Precisar de si? Para quê, seu velho estafermo? Ao menos ainda consegue carregar-me a mala?

Entra Roberto, que tenta discretamente beijar ou apalpar Carolina. Ela esquiva-se.

Roberto – Mas que animados estão! O que se festeja?

Dani – A Branca ganhou um cruzeiro. À Antártida.

Roberto não parece levar muito a sério o projeto.

Roberto – Muito bem, muito bem...

Maria – Ah, doutor, posso fazer-lhe uma pergunta?

Roberto – Com certeza, Maria. Diga.

Maria – Em particular.

Roberto – Ah...

Maria afasta-o dos outros e mostra-lhe o teste de gravidez.

Maria – Isto é positivo ou negativo?

Roberto (*estupefacto*) – Está grávida, Maria?

Maria – Eu não! Encontrámo-lo esta manhã no cadeirão de Dani.

Roberto – De Dani?

Maria – Claro que também não é de Dani, como deve imaginar.

Roberto fica preocupado.

Roberto – Pode deixar-me isso, Maria? Vou investigar.

Maria – Depois mantém-me informada?

Carolina – Vamos lá, está na hora da sesta! Todos para a cama!

Branca – Sesta? Mas eu não tenho sono.

Carolina – São as regras.

Gonçalo – Às suas ordens, meu sargento! Tinha razão, Branca: isto parece mesmo o Exército.

Branca – Ah, sim? E nos fuzileiros também é obrigatória a sesta a dois?

Os residentes saem. Maria deixa o xaile esquecido num cadeirão.

Roberto – É a senhora que está grávida, Carolina?

Carolina – Desculpe?

Roberto – Isto é seu?

Mostra-lhe o teste.

Carolina – E se fosse?

Roberto – Não me diga que pensa ficar com a criança.

Carolina – Não, vou oferecê-la à Cáritas. Para ajudar quem precisa mais do que eu.

Roberto – Ouça, Carolina. O que houve entre nós foi... um deslize.

Carolina – Um deslize que pelos vistos já deixou marcas, a julgar pelo resultado desse teste de gravidez.

Entra Natália. Carolina sai.

Roberto – Ah, precisamente queria falar consigo.

Natália – Sim, eu também.

Roberto – Está grávida?

Natália – Meu Deus, não! Porquê?

Roberto – Peço desculpa, não sei o que me deu.

Maria regressa para buscar o xaile. Eles não a veem, e ela aproveita para escutar a conversa.

Natália – Não. O que me preocupa é que... ultimamente a taxa de mortalidade na nossa residência tem aumentado de uma maneira bastante estranha. Não acha?

Roberto – Tem razão. Numa residência para idosos é normal haver mais mortes do que nascimentos, mas mesmo assim...

Natália – Que nascimentos?

Roberto – Além disso, nestes estabelecimentos costuma-se estar um pouco mais protegido de mortes violentas do que numa escola secundária ou numa esquadra de polícia dos subúrbios.

Natália – Está a assustar-me, Roberto. Se sabe alguma coisa, diga-me.

Roberto – É sobre a Adélia.

Natália – A Adélia?

Roberto – Parece que a morte dela não foi... inteiramente natural.

Natália – O que o leva a pensar isso?

Roberto – Não posso afirmar nada, naturalmente, mas descobri certos indícios que me fazem pensar que...

Natália – Que indícios?

Roberto – Bem, para começar, as marcas de estrangulamento que lhe vi à volta do pescoço.

Natália – Não me diga!

Roberto – E depois há o garfo do refeitório que lhe encontrei espetado no abdómen.

Natália – Meu Deus!

Roberto – Era preciso fazer uma autópsia para saber se também não foi envenenada.

Natália – Quem é que havia de querer assassinar uma pessoa com cento e três anos?

Roberto – Alguém com cento e dois, talvez, à espera de se tornar a pessoa mais velha do mundo.

Natália – Isto é gravíssimo, Roberto. Está em jogo a reputação da nossa instituição. Imagine que a imprensa descobre!

Roberto – Depois de todo o esforço que fez para termos uma classificação tão boa no Guia Michelin das Residências para Idosos...

Natália – Perdíamos a nossa terceira coroa, atribuída às residências com pelo menos vinte centenários.

Roberto – E, provavelmente, o nosso refeitório perdia também o terceiro garfo.

Natália – Acha que devíamos avisar a polícia, apesar de tudo?

Roberto – Não sei... A lei já permite interromper uma gravidez nas primeiras dez semanas, sem que isso constitua crime. Extrapolando um pouco, poderíamos considerar que pôr fim à interminável agonia de alguém com cento e três anos também não é propriamente um crime...

Natália – A lei da República, Roberto! Não a da Igreja!

Roberto – Então, o que fazemos? Damos um tiro no próprio pé?

Natália – Tem razão... Para já, será melhor fazermos a nossa pequena investigação interna.

Roberto – Concordo consigo, Natália. Pode contar comigo. Afinal, vamos casar-nos, não é?

Natália – Na alegria e na tristeza...

Roberto – Falta descobrir quem foi e porquê.

Natália – Acha que o culpado pode ser alguém do pessoal?

Roberto – É uma hipótese. Mas porquê?

Natália – Eutanásia? Está muito na moda, ultimamente.

Roberto – Custa-me imaginar uma enfermeira a estrangular uma velhinha com uma mão enquanto lhe espeta um garfo na barriga com a outra. Normalmente a eutanásia é um ato de amor ao próximo, não é?

Natália – Não exagere... Sabe perfeitamente que o Papa não vê essas coisas com bons olhos.

Roberto – A Igreja acabará por evoluir também nesse ponto, como em tantos outros... Daqui a cinco ou dez séculos, pelo menos. Eutanásia... Para começar, a palavra é pouco apelativa.

Natália – Acha?

Roberto – Em «eutanásia» até se ouve «nazi»... Ou quase. E foram os nazis os primeiros a industrializar o conceito, infelizmente. Assim não há campanha de imagem que lhe valha.

Natália – E como lhe chamaria, para tornar a prática mais simpática?

Roberto – Sei lá... Teríamos de encontrar uma coisa menos... Enfim, mais...

Branca atravessa a sala com uma mala na mão. Maria afasta-se discretamente para não ser apanhada a espiar.

Natália – Mas aonde é que vai, Branca?

Branca – Vou partir para um cruzeiro.

Natália – Espere lá. Não pode sair assim sem mais nem menos.

Branca – Porque não?

Natália – Tenho de avisar a sua mãe... Quer dizer, a sua filha.

Roberto – Tem de assinar um termo de alta.

Branca – Alta? Na minha idade, a única coisa que sobe é a tensão!

Natália (*para Roberto*) – Vou avisar a família.

Roberto – Vá lá, Branca, não nos vai abandonar assim. Pode esperar até amanhã, não pode? Vá apanhar um pouco de ar ao convés e, entretanto, eu levo-lhe a mala de volta ao camarote.

Branca – Está a tentar dar-me a volta, não está?

Roberto – Além disso, nesses cruzeiros há tantas pessoas idosas... Não sei se vai notar assim tanta diferença em relação a esta residência.

Branca senta-se contrariada. Roberto sai com a mala.

Entram Gonçalo, Dani e Pilar.

Gonçalo – Branca, parece que está preocupada. Passa-se alguma coisa?

Dani – Podemos ajudá-la nalguma coisa?

Branca – Tenho oitenta e seis anos. Podem fazer alguma coisa contra isso?

Gonçalo – Oitenta e seis! Juro-lhe que não parece nada.

Dani – No máximo dava-lhe oitenta.

Entra Maria.

Maria – Já souberam da novidade?

Dani – Sim, está aqui connosco.

Maria – A Adélia foi assassinada!

Dani – Não diga!

Maria – Soube-o pela direção.

Pilar – Disseram-lhe isso?

Maria – Digamos que estava no sítio certo, à hora certa. O facto é que temos um assassino em série entre nós.

Gonçalo – E como sabemos que é alguém daqui?

Maria – Quem se daria ao trabalho de vir especialmente a uma residência para assassinar idosos?

Dani – Pois... Num campo de férias ainda se compreendia. Mas numa residência para idosos...

Pilar – Um assassino em série?

Maria – Ultimamente, os centenários morrem aqui que nem moscas. Não repararam?

Dani – Quem poderá ser?

Gonçalo – Talvez alguém do pessoal.

Entra Carolina.

Carolina – Um chazinho para ajudar à digestão? Camomila? Tília? Cidreira?

Maria – Um assassino... Ou uma assassina.

Dani – Não, dispenso.

Maria – Eu também não quero, obrigada.

Carolina – Hoje ninguém quer uma infusão? Bom, paciência...

Carolina sai.

Maria – Um chazinho... Para nos mandar para o outro mundo, só se for!

Branca – E ainda dizem que a maluca sou eu.

Maria – A si tanto lhe faz, claro. Vai de cruzeiro!

Gonçalo – E diga-nos, Branca, quem vai levar consigo?

Dani – Pergunta porque tem medo de ficar cá, capitão?

Pilar – Mas o capitão deve ser sempre o último a abandonar o navio! Lembro-me de quando o Titanic se afundou...

Branca – Estou a ver que, de repente, o cruzeiro à Antártida está na moda.

Maria – É melhor do que ficarmos aqui à espera que nos matem.

Branca – Podíamos tirar à sorte.

Maria – Escrevemos os nossos nomes em papelinhos, pomos tudo no chapéu do Gonçalo e tiramos um.

Gonçalo – Muito bem.

Gonçalo tira o chapéu. Maria, Pilar, Dani e Gonçalo escrevem cada um o seu nome num papel e colocam-no lá dentro, num silêncio solene, trocando olhares desconfiados.

Dani – Uma mão inocente?

Branca – Vão ter de se contentar com a minha.

Tensão geral. Branca tira um papel do chapéu e desdobra-o.

Branca – Dani.

Dani respira de alívio.

Dani – Só me resta desejar boa sorte a quem fica.

Regressa Carolina, seguida de perto por Roberto.

Carolina – O que se passa aqui? Que ar de conspiradores é esse?

Maria – Estávamos a jogar Cluedo. Sabe como é, o entusiasmo sobe à cabeça.

Carolina – Ah... E quem era o assassino?

Pilar – O jogo ainda não acabou. Por enquanto, só sabemos que o crime foi no quarto, com um garfo.

Maria – Ora essa... Não me lembro de lhe ter contado isso também.

Gonçalo volta a pôr o chapéu e todos saem.

Roberto retoma em voz baixa a conversa que tinha interrompido com Carolina.

Roberto – Mas, Carolina, não pode ficar com essa criança.

Carolina – E porque não?

Roberto – Sabe que vou casar-me com a Natália.

Carolina – Devia ter pensado nisso antes. E se lhe disser que vai ser pai?

Roberto – Quanto?

Carolina – Ainda nem disse que eram trigêmeos!

Roberto – Quanto quer... para não ter a criança?

Carolina – Vinte mil.

Roberto – Dez mil.

Carolina – Está bem. Mas quero o dinheiro já.

Roberto tira o livro de cheques, passa um cheque e entrega-lho.

Roberto – Dá-me a sua palavra?

Carolina – Desde que o cheque tenha cobertura.

Carolina sai.

Roberto – Menos um problema... E sempre sai mais barato do que pagar uma pensão de alimentos.

Roberto também sai. Regressa Branca, seguida de Cristina e Alex.

Cristina – Mas afinal, mãe, o que vem a ser essa história do cruzeiro?

Alex – Vá lá, Branca, já não tem idade para expedições à Antártida.

Branca – Os cruzeiros foram inventados de propósito para os velhos! Senão, porque é que os anunciavam na revista *A Sua Idade*?

Alex – Pois, mas... há velhos e velhos.

Cristina – Além disso, os cruzeiros são perigosos. Às vezes, os navios afundam-se.

Alex – Há pelo menos um que se afunda por mês, algures no mundo.

Branca – Na minha idade, todos os dias tentamos escapar ao naufrágio. E todos os dias diminuem as hipóteses de sairmos com vida.

Cristina – Tens sempre de ver o lado negativo das coisas.

Alex – Não está bem aqui?

Branca – O quê? Ainda não sabem?

Cristina – Não sabemos o quê?

Branca – Isto é um autêntico filme de terror! O médico anda a fazer experiências genéticas nos residentes e a auxiliar é uma assassina em série!

Entra Natália.

Natália – Já confirmei na revista *A Sua Idade*: os resultados do concurso ainda nem sequer foram publicados!

Cristina – Tem a certeza?

Natália – Até liguei para confirmar.

Cristina (*para Branca*) – Mas, mãe, porque é que inventaste uma história dessas?

Branca – Sei lá... Aqui morre-se de tédio. Era para animar um bocadinho o ambiente.

Alex – Pois, isso conseguiste.

Natália – Peço desculpa por vos ter feito vir cá para nada.

Cristina – Não peça desculpa, por favor.

Alex – Enfim, nós avisámos... Ainda lhe restam tiques de atriz.

Natália – Vou acompanhá-la ao quarto.

Cristina beija a mãe.

Cristina – Vá, adeus, mãe.

Branca (*em voz baixa*) – Mas a história da assassina em série é verdade, juro-te! Tens de me tirar daqui, custe o que custar!

Cristina – Claro, mãe.

Alex beija também Branca.

Branca (*ainda em voz baixa*) – Avisem a polícia... Mas não digam nada à frente da diretora. Faz parte de uma seita satânica!

Alex – Está bem, fazemos isso.

Natália – Vamos, Branca, nós tratamos de si.

Natália pega em Branca pelo braço e leva-a consigo. Cristina volta-se para Alex.

Cristina (*suspirando*) – Aquela mulher ainda nos há de fazer passar por tudo.

Alex – Vai correr tudo bem, não te preocupes. Dão-lhe uma injeção e ela dorme como um anjo até amanhã.

Cristina – Achas que lhes dão injeções para os adormecer?

Alex – Não sei, imagino... Era o que eu faria.

Alex abraça Cristina para a consolar.

Cristina – Por falar em dormir como um bebé... Não sei se é o melhor momento ou o melhor lugar, mas tenho uma coisa para te dizer.

Alex – O quê?

Cristina – Durante o próximo ano, é bem possível que não pregues olho à noite.

Alex (*entusiasmado*) – Não me digas!

Cristina – Resultou! Estou grávida.

Alex – Mas isso é maravilhoso!

Cristina – Na minha idade, é quase um milagre... Queria esperar pelos resultados das análises para ter a certeza. A propósito, não faço ideia do que fiz ao teste de gravidez. Devo tê-lo perdido aqui esta manhã.

Alex – É menino ou menina?

Cristina – Para isso ainda é cedo. Mas o médico disse-me que está quase certo de que é um ser humano. Vamos ter um bebé!

Alex – Isto merece ser festejado! Levo-te a jantar fora!

Preparam-se para sair. Alex tira um charuto.

Cristina – Não vais acendê-lo aqui...

Alex – Na idade deles, um bocadinho de fumo passivo não lhes encurta assim tanto a vida.

Cristina – Estava a falar do bebé.

Alex guarda o charuto.

Alex – Tens razão. Espero até sairmos para o acender.

Cristina – E pensar que agora vamos ter de começar a procurar vaga numa creche...

Alex – Já?

Cristina – É como nas residências! Nas creches também há listas de espera.

Cristina e Alex saem.

Entram Roberto e Natália.

Natália – Suspeita de alguém em particular?

Roberto – Talvez de uma auxiliar de ação médica.

Natália – Da Carolina?

Roberto – Porque não?

Natália – Disse-me que não acreditava na hipótese de eutanásia por causa da maneira como o crime foi cometido. É verdade que uma injeção letal é menos... suja.

Roberto – Talvez ela tenha usado um garfo para nos despistar.

Natália – Mas um garfo do refeitório... Para matar alguém por compaixão?

Roberto – Talvez tenha agido a mando de alguém. Por dinheiro.

Natália – Uma assassina a soldo?

Roberto – Tenho boas razões para acreditar que a Carolina é perfeitamente capaz de matar por dinheiro.

Natália – Quem poderia odiar tanto uma centenária? Os herdeiros? Sabiam que não lhe restava muito tempo... Uns meses não lhes faziam grande diferença.

Roberto – Mas pense em quem está à espera de uma vaga aqui para se livrar da mãe. Há pessoas capazes de matar para conseguir lugar numa creche! Imagine numa residência para idosos.

Natália – A filha da Branca?

Roberto – Ou a... pessoa com quem vive.

Natália – É verdade que tem um ar um pouco estranho.

Roberto – Hum... Diria que tem um género bastante indefinido.

Natália – Enfim, também não podemos excluir outras hipóteses. Tem mais informações sobre a vítima?

Roberto – A autópsia sumária que fiz com os meios disponíveis revela que a Adélia morreu depois de comer esparguete à bolonhesa.

Natália – Acha que também pode ter sofrido uma intoxicação alimentar?

Roberto – Não creio. Eu comi a mesma coisa ontem à noite e sobrevivi.

Natália – Mais alguma coisa de interesse?

Roberto – Sim. Antes de lhe espetarem um garfo no estômago, estrangularam-na com um cachecol tricotado à mão. Encontrei-lhe um fio de lã preso ao pescoço.

Natália – Tricotado... É uma pista interessante. Acho que também devíamos interrogar os outros residentes.

Roberto – Depois de jantar, então. Agora estão todos no restaurante.

Natália – E o que há para jantar hoje?

Roberto – Esparguete.

Natália – Outra vez?!

Roberto – Sobrou de ontem à noite. E como a maioria já nem se lembra do que comeu no dia anterior...

Natália – Nesse caso, talvez seja melhor mandarmos vir comida chinesa.

Escuro.

Noite

Ambiente de esquadra, quase de Gestapo. Como nas séries americanas, Roberto come comida chinesa com pauzinhos, diretamente de uma embalagem de cartão. Natália faz de polícia má e submete Maria a um interrogatório brutal. Maria está de pijama às

riscas e, de preferência, sentada numa cadeira de rodas, com a luz de um candeeiro de secretária apontada à cara. Natália transformou-se numa autêntica torturadora. Empunha o garfo, principal prova do crime.

Natália – Portanto, admite que já viu este garfo do refeitório.

Maria – Admito.

Natália – No local do crime?

Maria – Não.

Natália – Ah, não? Então onde?

Maria – No refeitório!

Natália – Não brinque comigo, Maria!

Maria – É um garfo do refeitório! Veja, ainda tem molho à bolonhesa agarrado.

Roberto (*intervindo*) – Isso, minha querida Maria, é tudo menos bolonhesa, acredite.

Maria (*bocejando*) – Eu já ia para a cama. Está a dar-me sono...

Natália – Não tenho pressa. Se for preciso, fico aqui a noite inteira.

Maria – Normalmente já estamos deitados às oito e meia.

Natália – Então voltemos ao princípio. Apelido, nome, profissão, data e local de nascimento.

Maria – Posso beber agora o meu chá de tília? Costumo bebê-lo enquanto vejo a série policial na televisão.

Natália (*perdendo a paciência*) – Fale de uma vez, sua velha maldita!

Roberto pede-lhe com um gesto que se acalme e assume o papel de polícia bom.

Roberto – Vá lá, Maria. Conhece-me, não conhece? Não quero fazer-lhe mal. Sou o seu médico. Porque não nos conta calmamente o que sabe?

Maria – Sobre o quê?

Roberto – Por exemplo, viu alguém a tricotar ultimamente?

Maria – Vi a Pilar a tricotar um cachecol de lã... que mais parecia uma corda.

Roberto troca com Natália um olhar significativo.

Roberto – Pilar...

Natália – Mas porque haveria de fazer uma coisa dessas?

Roberto (*para Maria*) – A Pilar tinha alguma razão especial para odiar a Adélia?

Maria – Bem... Há muito tempo que a Pilar espera que fique um lugar vago à mesa do capitão.

Roberto – Claro, agora percebo! A Adélia morre e a Pilar fica com o lugar à mesa. Faz sentido.

Natália – A Pilar... Nunca desconfiaria dela.

Roberto – Pois agora teremos de a fazer confessar. Com confessional ou sem ele.

Natália – Pode retirar-se, Maria. Cumpriu o seu dever.

Maria sai a resmungar.

Maria – Espero que a minha série ainda não tenha acabado... Ando há semanas à espera de saber quem é o assassino.

Roberto – Vamos buscar a Pilar, antes que faça outra vítima.

Saem Natália e Roberto. Entra Dani, senta-se no cadeirão e começa a ler a revista A Sua Idade. Entra Pilar com o cachecol na mão.

Pilar – Teve muita sorte, Dani. Foi a pessoa escolhida para acompanhar a Branca no cruzeiro.

Dani – Não lhe escondi que tirei um peso de cima. Tenho tanto medo que nos envenenem... Acho que o esparguete à bolonhesa não me caiu muito bem.

Pilar – Pois... A Adélia também não o digeriu muito bem.

Dani – E eu que até adoro esparguete... É pena não o servirem mais vezes. Diga-me, já acabou o cachecol?

Pilar – Já.

Dani – E para quem é?

Pilar – Para si! Vai dar-lhe muito jeito no cruzeiro à Antártida. Deixe-me pôr-lho, para ver como fica.

Pilar levanta-se e começa a estrangular Dani por trás, mas entram Natália e Roberto, que assistem à cena, confirmando as suspeitas.

Roberto – Apanhámo-la em flagrante!

Natália – Dani, deixe-nos a sós por um momento, por favor.

Dani – Mas...

Roberto – Saia, é uma ordem!

Dani sai.

Roberto – Agora também Dani? Mas porquê?

Pilar – Para ser eu a ir no cruzeiro em vez de Dani! Sempre adorei cruzeiros. Já vos contei que estava a bordo do Titanic quando se afundou?

Roberto – E o que fazemos com ela?

Natália – Não sei.

Roberto – Entregamo-la à polícia, na idade dela?

Natália – Embora, francamente, tricotar a arma do crime demonstre alguma premeditação.

Pilar – A demência senil dá uma ótima circunstância atenuante, sabiam?

Roberto – Talvez seja melhor resolver o caso internamente.

Natália – Quantos anos tem, Pilar?

Pilar – Fiz cem anos na semana passada.

Natália – Sem ela ficamos só com dezanove centenários... E perdemos a terceira coroa do Guia Michelin das Residências para Idosos!

Roberto – É cá uma sorte que tem, sua velha ordinária...

Natália – Pelo menos até outro residente soprar as cem velas.

Pilar – Se não lhe acontecer nenhuma desgraça antes...

Natália e Roberto olham-na, inquietos.

Escuro.

Um ano depois

Natália, Roberto e Carolina ocupam três dos cadeirões. Estão exaustos e parecem ter envelhecido prematuramente.

Natália – Já não aguento mais...

Roberto – E ainda nem sequer é meio-dia...

Carolina – Ainda acabam connosco...

Natália – Nunca mais chega a reforma...

Entram os cinco residentes, visivelmente rejuvenescidos.

Maria – Mas o que é que se passa convosco? Parecem uns mortos-vivos!

Roberto – Em compensação, parece que o cruzeiro vos fez maravilhas.

Branca – Ah, sim! Estamos como novos, não é, capitão?

Gonçalo – Rejuvenescemos vinte anos.

Dani – Isto ainda acaba em casamento, vão ver...

Pilar – E aqueles produtos antienvelhecimento à base de medusas que trouxemos...

Dani – Esses então são espetaculares!

Entram Cristina e Alex com um cesto de bebé onde se supõe estar uma criança.

Cristina – Olá, olá!

Natália – Minhas senhoras, meus senhores...

Alex – Senhora diretora...

Cristina – Como está? Parece um bocadinho cansada.

Natália – Tinham razão. São eles que ainda nos vão enterrar a todos!

Alex – O seu neto, Branca.

Branca – Ah, sim... E porque é que está tão enrugado?

Maria – É verdade, tem mais rugas do que nós.

Gonçalo – Era bom que estivesse em plena forma.

Pilar – É ele que vai pagar as nossas reformas.

Gonçalo – Vocês também não parecem muito descansados, pois não?

Alex – É que o malandro ainda não dorme uma noite inteira...

Dani – Não façam tanto barulho, não veem que está a dormir?

Gonçalo – Sai à mãe, não sai?

Pilar – E quem é o pai? (*Silêncio constrangido.*) Estou a brincar!

Dani – Então, o que podemos desejar a este menino?

Maria – Capitão, umas palavras de boas-vindas?

Gonçalo pigarreja e começa o discurso.

Gonçalo – Se a velhice é um naufrágio, como dizia Chateaubriand, citando De Gaulle, é porque a vida é um cruzeiro a bordo do Titanic. Uns estendem-se ao sol no convés, enquanto outros remam no porão. Mas todos acabaremos a servir de alimento às medusas. Por isso, enquanto esperamos o inevitável encontro com um icebergue, quem puder que faça tilintar os cubos de gelo no copo, ao som da orquestra.

Brindam.

Todos juntos (*voltados para o berço*) – Bem-vindo a bordo!

Ouve-se música. Começam a dançar uma valsa.

Escuro.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

<https://jeanpierremartinez.net/>
<https://comediatheque.net/>

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

<https://jeanpierremartinezmusic.com/>

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma
EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem
consequências
Um pequeno passo para uma
mulher, um salto no vazio para a
Humanidade...

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do
mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não
Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do
Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comédias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa
Maria-Joana
Nem sempre a música amansa as
feras...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalypse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites

<https://comediatheque.net>
<https://jeanpierremartinez.net/>

*Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.*

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-38602-019-3

Documento para download gratuito